



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DAURA AMÁLIA DO NASCIMENTO CÂMARA

***NAS TRAMAS E NOS ENREDOS DE MARY DEL PRIORE: A MULHER EM AO
SUL DO CORPO – CONDIÇÃO FEMININA, MATERNIDADES E MENTALIDADES
NO BRASIL COLÔNIA.***

CAMPINA GRANDE-PB

2015

DAURA AMÁLIA DO NASCIMENTO CÂMARA

**NAS TRAMAS E NOS ENREDOS DE MARY DEL PRIORE: A MULHER EM AO
SUL DO CORPO – CONDIÇÃO FEMININA, MATERNIDADES E MENTALIDADES
NO BRASIL COLÔNIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação de **Licenciatura
Plena em História** da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador : Prof. M.e Roberto Silva Muniz

CAMPINA GRANDE-PB

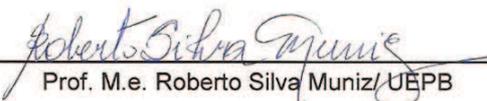
2015

DAURA AMÁLIA DO NASCIMENTO CÂMARA

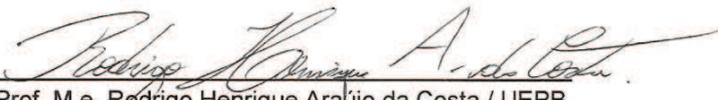
**NAS TRAMAS E NOS ENREDOS DE MARY DEL PRIORE: A MULHER EM
AO SUL DO CORPO – CONDIÇÃO FEMININA, MATERNIDADES E
MENTALIDADES NO BRASIL COLÔNIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Licenciado em História.

Aprovado em 18/06/2015.


Prof. M.e. Roberto Silva Muniz / UEPB

Orientador


Prof. M.e. Rodrigo Henrique Araújo da Costa / UEPB

Examinador


Prof. M.a. Priscilla Emmanuelle Formiga Pereira / UNIFAVIP

Prof. M.a. Priscilla Emmanuelle Formiga Pereira / UNIFAVIP

Examinadora

C172n Câmara, Daura Amália do Nascimento.

Nas tramas e nos enredos de Mary Del Priore [manuscrito] : a mulher em Ao sul do corpo – condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. / Daura Amália do Nascimento Câmara. - 2015.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Prof. Me. Roberto Silva Muniz, Departamento de História".

1. Historiografia. 2. Mulher. 3. Brasil. 4. Mary Del Priore. I. Título.

21. ed. CDD 907.2

AGRADECIMENTOS

A Deus, Porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. (Rm 11:36)

Ao meu orientador Roberto Muniz, por toda solicitude e presteza, pelos ensinamentos preciosos, por topar embarcar comigo nessa “aventura acadêmica”. Minha mais profunda gratidão.

À toda minha família, em especial minha mãe Geuza Celeste, baixinha de fibra, gigante na maneira de encarar suas lutas.

Ao meu noivo Jonathas Noblat, que chegou em minha vida no início dessa caminhada rumo à graduação, acompanhou meus anseios, meus deslizos, minhas vontades de acertar. Por muitas vezes puxou minha orelha, mas, sempre soube o momento de me abraçar.

À toda família Noblat que me acolhem tão bem, em especial minha sogra Solange Noblat por quem tenho imensa admiração.

A todos os meus amigos, indistintamente, os de infância, do trabalho, da igreja, de Santa Cruz ou de Campina, cada um sabe de sua importância em minha vida, os amo e devoto-lhes valor.

A Todos os professores que contribuíram para essa formação em especial os componentes desta banca examinadora: Rodrigo Henrique e Priscilla Formiga, muito obrigada. E todos os colegas que estiveram comigo durante o curso, destaco a minha dupla Márcia, que esteve ao meu lado de maneira mais presente.

Escrevo esses agradecimentos com o coração repleto de alegria e uma certeza: vocês foram fundamentais para que eu estivesse aqui.

RESUMO

A temática que adere aos estudos sobre as mulheres pode ser considerada recente para História e só insurgiu no século XX. Até então, as vozes femininas eram abafadas e sobrepostas por uma História que privilegiava o herói, o homem branco e da elite. A corrente historiográfica dos Annales, as mudanças de eixos temáticos, alargamento das fontes, além da militância do movimento feminista, sobretudo a Nova História, fizeram com que a partir da década de 1970 o tema mulheres ganhasse mais evidência no cenário internacional, motivando dessa forma, a emergência de uma historiografia das mulheres aqui no Brasil, que colocou em diversos aspectos da história das mulheres, das mais distintas, o que ainda estava no silêncio. Este trabalho se debruça sobre a obra da historiadora Mary Del Priore, em particular, sua tese de doutoramento “Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia” (1990), publicado em forma de livro ao ano 1993. A obra exposta constituiu-se como um dos trabalhos pioneiros sobre história das mulheres no Brasil, especialmente estudando a sociedade colonial, tema que pareceu impossível para alguns. Recepciona um ramo da historiografia francesa chamado História das Mentalidades, através do qual permitiu a sua escrita e os aspectos analisados por essa história. Após se tornar pública em forma de livro, permitiu o surgimento de novas produções. Desse modo, vislumbramos também a sua recepção no meio acadêmico com o objetivo de atestar a sua importância e contribuição para os estudos das mulheres no Brasil.

Palavras-Chaves: Historiografia Brasileira, História das mulheres, Mary Del Priore.

ABSTRACT

The thematic sticking studies on women can be considered for recent history and only rebelled in the twentieth century. Until then, women's voices were muffled and overlaid by a history that favored the hero, the white man and the elite. The current historiography of the Annales, change the themes, extension of sources in addition to the militancy of the feminist movement, especially the New History, made from the 1970s the theme women gain more evidence on the international stage, motivating that way the emergence of a historiography of women in Brazil, who put on various aspects of women's history, the most distinguished, which was still in silence. This work focuses on the work of historian Mary Del Priore, in particular, his doctoral thesis "South of the Body: female condition, maternity and mentalities in colonial Brazil" (1990), published in book form the year 1993. The exposed work It was established as one of the pioneering work on women's history in Brazil, especially studying the colonial society, a topic that seemed impossible for some. Welcomes a branch of French historiography called history of mentalities through which allowed their writing and aspects analyzed by this story. After going public in book form, it allowed the emergence of new productions. This would also envisage their reception in academia in order to attest to its importance and contribution to the study of women in Brazil.

Key Words: Brazilian Historiography, History of women, Mary Del Priore.

1.0 - INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) parte de uma identificação com os estudos acerca da História das mulheres, a partir do olhar sobre a obra da historiadora Mary Del Priore: *“Ao sul do corpo – condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia”*. É claro, ressalta a importância da obra e autora, uma vez que ambas não estão dissociadas uma da outra.

Os objetivos apontados no decorrer da produção desse artigo atendem às necessidades iniciais de um trabalho de conclusão de graduação. Por isso, o espaço e o tempo nos colocam limites, de modo que não temos um artigo mais profundo, pois dispomos de um objeto de análises que só uma discussão mais ampliada e apreciações mais densas poderiam dar conta e, portanto, só um trabalho maior abrangeeria, tamanha sua complexidade. Mesmo fazendo um artigo, colocamos como eixo de discussão desse trabalho as condições históricas para a produção da obra *“Ao sul do corpo – condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia”*, como também a recepção da mesma pelos historiadores, posterior a sua produção em forma de livro.

A princípio, retomamos a referida obra a fim de pontuarmos algumas questões pertinentes à historiografia das mulheres no Brasil. Traremos um relato resumido envolvendo a historiografia das mulheres partindo de seu contexto mundial (precisamente a influência europeia) até sua emergência no Brasil, conseqüentemente o pano de fundo que subscreve a trajetória de Mary Del Priore rumo às sutis, mas existentes, vozes femininas em documentos inscritos no período colonial.

Com este objeto em mãos, iremos elencar os principais pontos daquela que foi a tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Marcílio no ano de 1990, defendida por Mary Del Priore perante o alvitre inovador de contextualizar a condição feminina do Brasil Colônia com foco em suas mentalidades e reconhecendo na maternidade nuances e subterfúgios até então silenciados pelas lacunas da História.

Posteriormente, iremos tratar brevemente sobre a recepção dos escritos de Mary Del Priore na academia através de suas menções em outras produções. Tentaremos de forma modesta recordar sobre a silhueta com a qual alguns

trabalhos se apropriaram desses estudos de grande importância. Num esforço de trazer para este TCC e, por conseguinte à academia, uma discussão que ressalte a importância de estudar a historiografia; não apenas a das mulheres aqui ansiedades, contudo, a historiografia de uma forma geral.

2.0 - A HISTÓRIA DAS MULHERES: RESSONÂNCIAS NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.

Poderia dizer que todo esforço intelectual surge de uma necessidade, neste caso, os estudos sobre as mulheres foram se configurando ao longo de um processo historiográfico gradativo, considerados durante determinados períodos históricos, podendo-se dizer um tanto irrelevantes até o Século XIX.

Se fizermos um breve relato da historiografia e seus meandros, diremos que no intuito de validar a História enquanto ciência a modalidade de história herdeira do Iluminismo e genericamente conhecida com positivista predominou no século XIX e inícios do XX¹ crendo que um fazer histórico objetivo era possível, e para isto, apregoava o apego às fontes e ao documento como legitimidade. A máxima positivista era a de que “os documentos falam por si só”, e o historiador tinha por obrigação transcrevê-los fielmente.

Em contrapartida surge a corrente Historicista Hermenêutica defendendo que o sujeito (historiador) tem um contato direto com seu objeto de estudo, não se afastando do mesmo, pois ambos se “refletem entre si”, de modo que o conhecimento não é neutro como afirmavam os positivistas. A contribuição dos positivistas para constituição de uma ciência da História é inegável, e angariou público, inclusive no Brasil. Porém, o extremismo de acreditar em uma verdade absoluta não condiz com o conhecimento histórico em sua totalidade, de modo que os historicistas não foram os únicos a fazerem oposição teórica ao positivismo.

Após paulatina perda de prestígio do paradigma positivista cederam espaço à emergência da escola dos Annales, no início do século XX. Precisamente na França a partir da fundação da revista de história, Annales d’Histoire Economic et Sociale, fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch, os quais tornaram-se os dois maiores nomes da primeira fase dos Annales, instituída por um conjunto de posições

¹SOHIET (2007; P. 284)

críticas e ataques. Os Annales se constituem basicamente em três fases desde sua criação até os dias vigentes. O diálogo principal da ideologia dos Annales fazia oposição à tradição de uma história política até então produzida e também desenvolveram aproximação com as ciências sociais. Novas fontes e novos objetos passaram a ser incorporados. A História passou a ser produzida como uma “história-problema”, fugindo das narrativas tradicionais, partiu também de “um novo conceito de fonte histórica”. A terceira fase dos Annales configura a conhecida “Nouvelle Histoire”, Nova História, a partir da década de 1960 a qual pendia para um viés que contemplava as minorias, fez emergir uma “História vista de baixo”, englobando o papel das mulheres, homossexuais, pobres, dentre outros sujeitos minoritários. Os estudos no campo da história social foram um considerável intermédio para a história das mulheres, por trazerem novas abordagens, contribuíram bastante para legitimação dessa vertente, fato notado por Scott (1992).

“Assim é necessário admitir [...] a Escola dos Annales, ao direcionar as pesquisas do âmbito político para o social possibilitou estudos sobre a vida privada, as práticas cotidianas, a família, o casamento, a sexualidade etc. Temas que permitiram a inclusão das mulheres na história.” (SILVA, 2018, P. 224)

Outra questão assentada por Joan Scott (1992) levanta uma consideração bastante pertinente ao *“linkar”* a gênese da história das mulheres ao movimento feminista que por sua vez estava ligado à movimentos políticos. O feminismo enraizado na década de 60 militava a constituição de uma história onde as mulheres fossem agentes ativas. No âmbito acadêmico as ações de ativistas feministas ficaram refletidas nessa tentativa; até a década de 70 a ênfase da união entre política e intelectualidade engrenava-se, após isso, se ampliou o campo de questionamentos que dissociaram a política para atingir novos aspectos da vida das mulheres no passado. De todo modo, a legitimação da história das mulheres passou por um processo de aceitação que precisou ser defendido, isso foi gradual e culminou nos estudos de gênero na década de 80. Para a mesma autora, a emergência da história das mulheres angaria a partir daí o seu próprio espaço, envolve novas interpretações enquanto campo de estudo, parte de uma evolução do feminismo para as mulheres e posteriormente para o gênero.

Com esse panorama tomemos por base a fala de Barros (2005) ratificando que a partir do Século XX os estudos sobre as mulheres tornam-se um tema

cotejado pelos historiadores do Ocidente, em um conjunto onde os silêncios historiográficos em deferência à mulher passaram a ser preenchidos por diversos historiadores dentro das mais diversificadas tendências:

“Na segunda década do século XX começam inclusive a ser publicadas, primeiro na França e depois em outros países, obras panorâmicas sobre a história das mulheres, em vários volumes, abarcando épocas e sociedades diversas. (BARROS, 2005, P. 27)”

Silva (2008, p. 224) endossa: “Um ponto importante a ser discutido é: quando as mulheres passaram a fazer parte das preocupações dos/das historiadores/as? Em que momento suas vozes passaram a se fazer ouvir? “A primeira resposta que surge a partir destes questionamentos é que não existe uma causa única, responsável por este interesse, um conjunto de fatores são apontados, desde as transformações trazidas pela Escola dos Annales, até a inclusão à própria mudança na noção de ciência; ou para muitos ainda cita-se a contribuição do movimento feminista.

O fato é que até então as mulheres não eram uma preocupação da narrativa histórica, escrita essencialmente por homens. Ainda mais, tal ocultamento não foi uma prerrogativa exclusiva da historiografia no Brasil, mas, uma atitude recorrente inclusive em outros países como Estados Unidos e França, onde a procura por direitos e o reconhecimento da condição feminina se deu muito antes do que entre os brasileiros. Isto é o que nos assinala Silva (2008).

Conseqüentemente a historiografia brasileira foi influenciada por essas novas posições da historiografia como um todo, Rago (1995) elucida que a inclusão das mulheres no campo da historiografia além de recente, tem demonstrado não apenas momentos inesperados da apresentação feminina nos acontecimentos históricos, como também uma ampliação do próprio discurso historiográfico, até então “estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas” (RAGO, 1995, P. 81) Esta demonstra suas narrativas iniciais já no começo da década de 1980 com tais características:

[...] “foram muito marcadas pela preocupação com a dialética da dominação versus opressão, dando pouco ou nenhum destaque às múltiplas formas de resistência que as mulheres elaboraram ao longo do tempo para fugir à dominação masculina. Várias historiadoras alertaram para este fato: Silva Dias, Del Piore, Soihet, Algranti, entre outras. Porém, mais do que falar sobre as misérias da vida feminina, importava decodificar

que poderes informais e estratégias as mulheres detinham por trás do ficcional poder masculino, e como articulavam a subordinação e a resistência. (SILVA, 2008, p. 227)

As mudanças dos campos temáticos em torno do fazer histórico adentraram no Brasil inicialmente imbricados na História Social, onde se fundou a construção da História das mulheres do Brasil. A partir da emblemática década de 80 os mais variados estudos sobre as mulheres, embora diferenciados quanto a seus aspectos metodológicos possuíam em comum o zelo em resgatar a presença de mulheres marginalizadas como agentes de transformação, capazes de rejeitar, com suas práticas:

“as inúmeras mitologias misóginas elaboradas pelos homens de ciência para justificar sua inferioridade intelectual, mental e física em relação aos homens e sua exclusão da esfera dos negócios e da política. [...] trazem enorme contribuição para a desconstrução das imagens tradicionais das mulheres como passivas e incapazes de vida racional e de decisões de peso.” (RAGO, 1995, P. 83)

A partir de autoras² dentre as quais sendo muito lacônica podemos referir: Maria Lacerda de Moura, Maria Clementina P. Cunha, Magali Engel, Martha de Abreu Esteves, Eni de Mesquita Samara, Raquel Soihet, Leila Mezan, Margareth Rago, Laura de Mello e Souza, Mary del Priore, a quem se debruça este trabalho, dentre outras não menos importantes.

A inclusão do ser feminino nos caminhos da História, na opinião de Silva (2008) significou adentrar por lugares, até então inescrutáveis, como a esfera do privado e das relações cotidianas, regiões nas quais os historiadores pouco haviam explorado. Desse modo minúcias aparentemente sem relevância alguma para a história tradicional tiveram de ser farejadas, como quem procura por um tesouro, bastou um novo olhar investigativo, para encontrar as evidências de que “eram nestes pequenos detalhes que se tornava possível detectar as fontes mais preciosas” (SILVA, 2008, p. 227)

Como tão poeticamente ressaltou Ecléa Bosi (1995) apud Silva (2008), “foi preciso ir ao fundo das casas, às cozinhas e oficinas, àqueles lugares onde se movem as figuras menores e furtivas”. Neste particular, a (re)valorização dos

² Todas as autoras referidas foram citadas por Margareth Rago (1995, P. 83) no artigo: AS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA, em um tópico cuja autora faz menção a história das mulheres enquanto história social.

registros da memória, a utilização das correspondências familiares, dos diários, das fotografias, contribuíram de maneira expressiva para o incremento da história das mulheres, uma vez que a “verdade” passou a incorporar também o subjetivo, o pessoal e o único.

3.0 - HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL COLONIAL: NAS TRAMAS E ENREDOS DE DEL PRIORE

Mary Lucy Murray del Priore, brasileira, nascida no Rio de Janeiro no ano de 1952, historiadora, teve sua formação inicial em História pela PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) em 1983 e concluiu seu Doutorado em História Social pela USP (Universidade de São Paulo) de onde despontou para a França em busca de sua especialização em Ciências Sociais na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales EHESS (1993), e fez o seu pós-doutorado também na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales EHESS (1996).

No Brasil, Mary Del Priore seguiu carreira acadêmica lecionando na PUC, desta vez no Rio de Janeiro e também na USP ministrando a disciplina História do Brasil Colonial. Sócia titular do instituto Brasileiro do PEN Club do Brasil é atualmente professora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) em Niterói. Del Priore possui uma carreira reconhecida com uma vasta produção em torno de temáticas bastante atrativas para as editoras e público consumidor, ela transpôs a História dos livros didáticos para uma linguagem que convence facilmente o leitor mais desinteressado a voltar os seus olhos à importância da História com abordagens que fogem totalmente da convencionalidade e despertam curiosidade.

O caminho editorial que Del Priore trilhou com o tempo, brota justamente em meados dos anos 1990 quando ela sai da USP para atravessar o Atlântico em busca de sua especialização e cursar o pós-doutorado na França. Naquela década, surgia uma nova geração de historiadores brasileiros. Este conjunto, somado ao interesse pelo meio editorial convenceu a autora a apostar nesse mercado: momento em que

Del Priore vislumbra a possibilidade de fazer livros de divulgação que chamassem atenção para a questão da História do Brasil³, e assim o fez.

Suas pesquisas são principalmente na área de História colonial, História da cultura, História de gênero. Del Priore escreveu, organizou e colaborou com inúmeras publicações. Tem 37 livros de História publicados além de contribuições para jornais e revistas, científicas e não científicas, no país e fora dele. Das mais populares estão as crônicas que publica no jornal O Estado de São Paulo. Dentre suas obras de maior destaque podemos citar a História da Criança no Brasil⁴, História das Mulheres no Brasil⁵, História do Amor no Brasil⁶ e O Príncipe Maldito⁷. E títulos mais recentes como Condessa de Barral⁸, e O castelo de papel⁹. Em 2011, chamou a atenção do grande público ao lançar o livro Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil¹⁰. Del Priore recebeu vários prêmios os quais podemos destacar a premiação da Fundação Joaquim Nabuco, por duas vezes (1998 e 2000), o prêmio Casa Grande & Senzala, em função dos livros História das Mulheres no Brasil e História das Crianças no Brasil. O livro História das Mulheres no Brasil ainda lhe rendeu o prêmio Jabuti, em 1998, na categoria Ciências Humanas. No mesmo ano, 1998, Mary Del Priore recebeu o prêmio de Personalidade Cultural do Ano pela Academia Brasileira de Letras

Aproximando-se da história das mentalidades, Mary Del Priore estuda o sentido da feminilidade e o discurso moral da Igreja no Período Colonial, a partir de sua tese de doutorado intitulada “Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia”, defendida por ela em 1990 e posteriormente publicada pela editora UNESP com a sua 2ª edição em 2005, sendo esta o objeto da nossa pesquisa.

³ Ver mais em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/mary-del-priori> e <https://www.youtube.com/watch?v=QNjvM3qslIg>

⁴ PRIORE, M. L. M. . História da Criança No Brasil. SAO PAULO: CONTEXTO, 1991. 176p.

⁵ PRIORE, M. L. M. . História das Mulheres No Brasil. 1. ed. SAO PAULO: CONTEXTO, 1997. 680p.

⁶ PRIORE, M. L. M. . História do Amor no Brasil. I. ed. São Paulo: Contexto, 2005. v. I. 336p.

⁷ PRIORE, M. L. M. . O príncipe maldito. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 296p.

⁸ PRIORE, M. L. M. . Condessa de Barral, A paixão do Imperador. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

⁹ PRIORE, M. L. M. . O Castelo de Papel. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. v. 1.

¹⁰ PRIORE, M. L. M. . Histórias Íntimas. Sexualidade e Erotismo na História do Brasil. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2011. v. 1.

Debruçada de forma minuciosa e apegada aos arquivos visitados Mary Del Priore aposta em um tempo “remoto”, o colonial, e se transpõe às dificuldades expostas pelas fontes do período para construir uma História que “ausculta as trajetórias femininas em documentos entre os Séculos XVI e XVIII” (DEL PRIORE, 2005, P.14), especificamente se ateu aos documentos manuscritos e fontes impressas, dentre eles, relatos e textos de teólogos moralistas e confesores médicos, por intermédio das quais ela atestou que havia um investimento em afirmar uma mentalidade coletiva onde a mulher experimentava de uma misoginia profunda, significando uma ameaça, suposta por uma elite moralista que descrevia as mulheres nas entrelinhas “do pecado e da doença”. Segundo a própria autora o intento desse discurso era delimitar o papel da mulher, esvaziando-as de qualquer poder:

“por outro lado as populações femininas aproveitaram para viver a maternidade como uma revanche contra uma sociedade androcêntrica e desigual nas relações entre os sexos [...] Se a gravidez, o parto e os cuidados com os filhos magnificavam a mulher, incitando-a a recolher-se ao privatismo de casa, e por conseguinte, faziam-na sócia do processo de ordenamento da sociedade colonial, por trás da imagem de mãe ideal, as mulheres uniam-se aos seus filhos para resistir à solidão, à dor e, tantas vezes, ao abandono [...] a prole permitia à mulher exercer, dentro do seu lar, um poder e uma autoridade dos quais ela raramente dispunha no mais da vida social.” [DEL PRIORE, 2005, P. 15)

A referida obra surge justamente no seio onde a produção historiográfica brasileira tomava novos rumos, foi permitida graças à adesão de novos eixos temáticos e ao alargamento das fontes incorporadas a um novo fazer histórico que começou na Europa e atingiu o Brasil. Del Priore se destaca ainda não apenas por escolher alternativas que façam “ouvir as vozes” dessas mulheres do período colonial, mas também, por ter como opção um longo recorte de tempo, abrangendo os Séculos XVI, XVII e XVIII, ela trabalha conceitos da longa duração e do tempo curto se apegando a dialética do tempo configurada por *Michel Vovelle*. Recepciona um ramo da historiografia francesa chamado História das Mentalidades, o qual podemos afirmar ter uma abordagem bastante imprecisa, pois quando surgiu enquanto corrente historiográfica não teve uma aceitação pertinente até migrar para o campo dos estudos da História cultural.

Mary Del Priore divide sua obra em cinco partes sobre as quais nos deteremos brevemente para uma compreensão geral de seus escritos.

No primeiro momento de sua escrita intitulado *MULHER E HISTÓRIA* traz a reflexão sobre o processo de normatização e adestramento da mulher na colônia associando a este modelo a carga de traços e arquétipos europeus que viajaram do além-mar até o Brasil,

“O modelo europeu é trasladado à Colônia, pois aqui, no "trópico dos pecados", morava por excelência, o Diabo. Daí a maior necessidade de ordenação e de normatização. O alvo preferido foram as mães solteiras pois estas não conheciam as benesses do casamento. A maternidade passa a ser a remissão das mulheres e o preço da segurança do casamento o "portar-se como casada". A identidade da mulher que se constituía de uma gama de múltiplas funções (mãe de filhos ilegítimos, companheira de um bígamo, manceba de um padre, etc.), deveria passar a introjetarse apenas nas relações conjugais.” (SIQUEIRA, et. al., P. 150)

A condição feminina na colônia era fabricada justamente com base em um modelo totalmente exploratório que se satisfazia em domesticar a mulher no sentido de torná-la responsável pelos afazeres do lar, pela família, pelo casamento e pela procriação, na figura da santa-mãezinha, que no terceiro momento de sua pesquisa, a autora aborda mais precisamente sobre o seu processo de construção e afirmação. Tudo isso a “*ferro e fogo*” expressão delimitada pela própria autora em um de seus subtítulos. Uma das partes cruciais integrantes do processo civilizatório da colônia era justamente o adestramento da mulher através de um discurso normativo ratificado pela medicina e também pela religião, já que o próprio funcionamento do corpo feminino “demonstrava claramente” que sua função natural era procriar. “Apenas como mãe, a mulher revelaria um corpo e uma alma saudáveis, sendo sua missão atender ao projeto fisiológico-moral dos médicos e à perspectiva sacramental da Igreja” (DEL PRIORE; 2009; P. 27) Contudo, também foi como mãe que a mulher ofereceu resistência a todo esse controle masculino.

A mulher na colônia encontrava-se num ponto crucial onde os tempos se entrecruzavam: a transição do Velho Mundo para o Novo Mundo trouxe várias implicações para a mentalidade dessas mulheres, sempre tendo a Europa como referência. Após algumas mudanças sofridas pela Igreja católica depois do concílio tridentino a prática religiosa se transfere mais intensamente para a vida cotidiana, de forma muito mais devocional, as demonstrações pessoais de fé passaram a conviver no seio da vida familiar, há também um importante surto mariológico que ajudou a

compor um padrão de comportamento feminino casto, puro, que se assemelhasse a piedade mariana, [...] “Nesse mesmo período além dos homens da igreja, também os médicos endossavam a idéia de inferioridade estrutural da mulher, Herdeiros das concepções antigas e tradicionais” [...] (DEL PRIORE; 2009; P. 33).

No segundo momento de sua tese, *PRÁTICAS DA MATERNIDADE*, Del Priore constrói os pontos que ligam mães e filhos e fala de outro lado da maternidade, para além da normatização e da valorização do casamento, sempre apontando-a como o meio utilizado para as mulheres exercerem seus discretos poderes, como gestoras da vida privada e de sua prole, a maternidade

[...] “foi o nicho onde se abrigaram contra a exploração doméstica e sexual, que se traduzia, no mais das vezes, em humilhações, abandono e violência. Com essas características, a maternidade apagava as diferenças raciais, culturais e econômicas mais cadentes e prestava-se a ser o instrumento de integração do gênero feminino ao projeto colonial.” (Del Priore; 2009; P. 42)

Apesar de toda essa conjuntura normatizadora em torno da mulher, da família, do casamento como sendo sacramental, o palco ideal para uma vida regular e segura, nem todas as mães tiveram seus filhos dentro do casamento, muitas vezes eram concubinas, escravas amantes passageiras, mães solteiras, mulheres seduzidas, abandonadas, ou mesmo quando casadas tinham seus maridos distantes do lar, dentre outras situações vivenciadas. Na maternidade, essas mulheres também encontravam refúgio contra a solidão aplacada por seus maridos ausentes, muitos iam trabalhar longe de casa, e suas relações eram incertas.

A união estável fora do casamento, o conhecido concubinato talvez fosse muito mais privilegiada, no sentido de que essa mulher tinha maior atenção do que as próprias casadas, mesmo na “ilicitude e pecaminosidade” de seus relacionamentos, do ponto de vista da Igreja.

O concubinato era uma prática constante da qual Del Priore faz bastante menção. Além do mais, ela ainda afirma ter sido no meio das mulheres que gozavam informalmente de sua sexualidade e sós com seus filhos, mas que desejavam as garantias proporcionadas pelo matrimônio, que a Igreja encontrou baseada em seus discursos uma brecha para semear o adestramento das populações femininas. Esta era a pedra fundamental que alicerçou a construção da figura da santa-mãezinha.

Como toda boa história possui dois lados, se havia um modelo de mulher ideal, casada, religiosa, piedosa, solícita ao seu lar, à procriação, sua cria e às necessidades de seus esposos, contrárias a este modelo estavam às inúmeras mães solteiras que administravam seus lares, e por sua vez criavam seus filhos e filhas que também iniciariam cedo suas vidas sexuais e seriam repetidamente mães solteiras. Para muitas dessas mulheres o sexo era para o prazer, e não apenas para procriação, tais mulheres nomeadas de medriatrizes, meteretrizes mediadoras, o modelo avesso do apregoado pela Igreja. Eram mulheres de práticas condenáveis, venais, estereótipo dos quais as senhoras respeitadas deveriam fugir e distanciar suas filhas solteiras. Alias, ter filhas solteiras nem era tão bem visto, bom mesmo era que as moças casassem o quanto antes alocadas onde estariam mais “seguras”: no matrimônio.

Em *PRÉDICAS SOBRE A MATERNIDADE*, terceiro momento do seu estudo, a autora vai justamente assentar como acontece definitivamente a construção da figura da santa-mãezinha e daquela que seria antagônica a esta, já vimos até aqui que o discurso moralizante da Igreja não isentou mulheres de viverem aquém do que as normas determinavam, todavia, estas viviam sob estigmas de pecadoras, mal procedidas, dentre outros. Fato que não as impediam de exercer de maneira “controversa” a sua religiosidade e devoção, pois à medida que andavam na contravenção da moralização que lhes era imposta, estas não abriam mão do exercício da fé católica trazendo para suas vidas elementos de culto e devoção. O catolicismo e a maternidade igualava mulheres indistintamente, sendo estas mãe solteiras ou não, pretas ou brancas, ricas ou pobres. A Igreja sabia reconhecer o valor dessas mães ao representarem o elo de transmissão de valores ancestrais para seus filhos.

Se houve um modelo ideal de mulher, também houve seu antagonista, o modelo de “mulher errada”. Foi no matrimônio que a Igreja encontrou a brecha oportuna para o adestramento da mulher, os sermões eclesiais propagavam essa premissa, a mulher no papel da santa-mãezinha era o tipo perfeito que ganhava o desempenho de agente dos desenhos do Estado e da Igreja dentro da família e do fogo doméstico. “Daí sua força e ambigüidade de sua condição. [...] a mulher como mantenedora, guardiã e gestora da maioria dos lares acabava por responsabilizar-se pela interiorização dos valores tridentinos.” (DEL PRIORE; 2009; P. 109).

Imbuídas nessa construção da santa-mãezinha, não satisfazia apenas uma mulher ser casada, mas, ela tinha que se portar como tal, com padrões de comportamento além das funções fisiológicas do casamento, ser mãe passou a significar ser casada, boa esposa, devota, direcionando muito bem as funções dessas mulheres até então múltiplas. O amor conjugal contraposto à paixão avassaladora sugeria muito mais a estabilidade e o dever conjugal, num misto de dependência e sujeição.

Provedor de “segurança e respeito”. Nesse contexto um dos deveres primordiais da vida conjugal era a procriação, e o coito deveria ser para esse fim, a carne deveria ter seus impulsos contidos, e a esterilidade sempre associada à anatomia feminina era motivo de alarme e também causadora de estigmas. A medicina sempre avalizava os discursos negativos acerca do corpo feminino, quando não a Igreja, demonizando-as.

No tocante ao *OLHAR DA MEDICINA* a autora se pronuncia na quarta parte da sua tese, onde se detém a alguns aspectos da fisiologia feminina que também foram úteis a seu adestramento, daí entra a importância e obscuridade da madre, enaltecida a concepção e a procriação sobre a qual havia um intenso juízo moral, o útero fecundo era aclamado, tal como o não fecundo desprezado, fortemente utilizado no adestramento da sexualidade feminina. Mapeado pela medicina, ainda de maneira primitiva, o que se conheceu do útero no tempo em questão era de certo modo especulativo, as formas do corpo feminino eram guardadas debaixo de rigorismo.

A exaltada madre também escondia seus males, enfermidades muitas vezes desconhecidas, dores, hemorragias, etc. As disfunções acarretadas pela menstruação, até então desconhecidas representava um verdadeiro tabu para as mulheres da época, além das rezas a botica, o uso das ervas e paliativos naturais eram a fonte principal de contentamento para os males da madre. O reconhecimento da medicina também estava bastante voltando para a madre, restringindo-a, porém a sua função da procriação, não se conhecia outra função até então. A medicina no Brasil era bastante primitiva e ainda se baseava tardiamente nos avanços europeus.

Neste cenário as práticas curandeiras e feiticeiras estava intrínseca no cotidiano feminino, a cura da madre era alvo tanto de médicos quanto de bruxos, fazendo a madre perpassar por um universo totalmente místico, e muitas vezes taxado de diabólico. No mesmo tópico sobre a perspectiva médica, Mary Del Priore

ainda compondo elementos que corroboram para o adestramento feminino, toca no tema aleitamento, de modo que o seio deixaria de ser um objeto erotizado para ser um instrumento de nutrição da prole, em seguida discorre sobre as mentalidades e práticas em torno do parto onde mais uma vez cabe o universo das crenças um importante papel, relatando por fim sobre abortos e práticas abortivas para então chegar no momento conclusivo de sua obra, a quinta parte, onde realça as *ATITUDES MATERNAS*.

“Ao debitar à fisiologia feminina uma definição normativa, e por consequência dos filhos, a Igreja e a medicina finalizavam o cercamento necessário para adestrar o gênero feminino. O exemplo materno e a pedagogia pietista foram a base de uma educação que valorizou o casamento e a propagação legítima com fins de povoamento e de organização de um novo mundo nos trópicos. Fins, porém, que sem a participação desta eu deveria mostrar-se piedosa, obediente ao marido e devota aos filhos certamente não se teriam consolidado.” (DEL PRIORE; 2009; P. 109).

Se a vida conjugal norteava-se por parâmetros claros, o papel das mulheres estava bem delimitado dentro de um quadro de mulher que não bastando-se ser mãe teria que cumprir regras e leis que acabaram espelhando o avesso dessa figura, como o modelo de mulher inadequada, o paradigma maior era o da santa-mãezinha, e neste panorama as funções pedagógicas das mães em seus arrolamentos com seus filhos também deveria ter o mesmo sentido doutrinário. A educação dos filhos se dava de uma forma muito prática e unida por variados gestos. Mediante concluí a própria autora, a análise deste projeto normatizador metropolitano para as populações femininas ultrapassa o quadro redutor de uma história da espécie biológica da mulher e desvia o foco da dialética que vê em todo homem um dominador e em toda mulher uma figura de submissão.

4.0 – O PORVIR: UM BREVE LEVANTAMENTO SOBRE A RECEPÇÃO DA OBRA DE MARY DEL PRIORE EM TRABALHOS ACADÊMICOS POSTERIORES A SUA PESQUISA

Vimos até aqui a emergência dos estudos sobre as mulheres na historiografia, de um panorama geral à produção que encontramos no Brasil, onde nos deparamos com uma criação específica escolhida para ser o objeto desta pesquisa. Com o fim

de explorarmos um pouco do que foi sua reprodução a partir de outros autores, o que virá a ser desenvolvido neste tópico.

Antes de qualquer dizer, gostaria de deixar clara a circunscrição deste trabalho, pois é evidente que não conseguiríamos num breve espaço dar conta de todo o universo de reproduções acadêmicas em torno da obra da Mary Del Priore, visto que é certamente muito maior do que o que irei balizar. Para fins metodológicos escolhemos referir sete obras apenas, de variados gêneros, dentre artigos, resenha, dissertações de mestrado e teses de doutorado, das quais faremos resumo.

A princípio colocarei no mesmo patamar levando em conta as suas respectivas categorias, dois artigos, um de Tânia Maria Gomes da Silva¹¹ e outro de Maria Izilda Santos de Matos¹². O primeiro texto, de Tânia Maria, discute a inserção do sujeito feminino na historiografia brasileira, partindo de diversas contribuições as quais permitiram o alargamento das abordagens e dos métodos utilizados para as pesquisas envolvendo as mulheres, e até já utilizado neste trabalho como referência no trato sobre a historiografia das mulheres. A relevância de Mary Del Priore é citada em meio a diversas historiadoras, também importantes no mesmo processo. Similar a este, o texto de Maria Izilda sistematiza um breve apanhado da trajetória da História das mulheres e das relações de gênero, nele, a obra de Mary Del Priore aparece junto a outros autores em meio à descrição de um panorama de mudanças temáticas e metodológicas onde “as questões da sexualidade, família, casamento, códigos e condutas disciplinares, religião e educação feminina se dilataram¹³.” Ambos compõem um exemplo cabal de que para fazer qualquer levante historiográfico abordando a história das mulheres ou das relações de gênero, no Brasil, Mary Del Priore é um nome aludido como peça importante na contribuição desta trajetória.

A tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE por Suely Creusa Cordeiro de Almeida¹⁴ se apega

¹¹ SILVIA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória Da Historiografia Das Mulheres No Brasil. In Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

¹² MATOS. Maria Izilda Santos de. “HISTÓRIA DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas”. in Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

¹³ MATOS (2013; P. 8)

¹⁴ ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. O sexo devoto: normatização e resistência feminina no império Português – XVI-XVIII. Recife: O autor, 2003.

minuciosamente a uma vasta gama de arquivos objetivando demonstrar que mudanças na ordem social, no que diz respeito às mulheres luso – pernambucanas, são perceptíveis em ações e práticas destas mesmas mulheres no século XVIII, e não apenas a partir do século XIX como é comum apresentar a historiografia sobre o tema, assim, ela usa a longa duração e as bases da História cultural para se deter às mudanças de um novo lugar que vêm sendo vivenciado pela mulher nos Setecentos. Esses estudos que tratam da mulher, família e sociedade, localizados por Suely Creuza e coligados à sua pesquisa tem a Mary Del Priore como uma das principais autoras utilizadas por ela em sua seleção bibliográfica. Importante ressaltar o alargamento da discussão que se inicia em Del Priore uma vez que o trabalho da Suely Creuza canaliza as questões pertinentes as mulheres da colônia para o âmbito do Pernambuco e mais precisamente dos conventos.

Já a tese de doutoramento de Angelo Adriano Faria de Assis¹⁵ orientada por Ronaldo Vainfas:

“procura analisar a importância feminina para a manutenção e sobrevivência judaica no mundo luso-brasileiro durante os séculos XVI e XVII, através do estudo dos processos movidos pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição lisboeta contra a família Antunes principalmente a matriarca Ana Rodrigues suas filhas e netas, apontadas como *Macabéias*, radicada em Matoim, no Recôncavo baiano, insistentemente delatada perante a Inquisição, exemplos dos mais significativos do criptojudaísmo então vivido na colônia¹⁶.”

Angelo retrata uma mulher que, ao seu próprio modo burla as normas do cristianismo o qual se impunha contra os judeus e judaizantes. Ele se auxilia dos escritos de Mary Del Priore, na tentativa de traçar o que seria o perfil da mulher casada na colônia, principalmente por tratar sobre a religião, tema que já vimos, ao visitar a obra de Del Priore, na qual o processo de normatização da figura da “boa mulher” ou santa-mãezinha também foi fortemente influenciado pela Igreja e perpassado pela religião católica. Ele trouxe como alargamento a especificidade de trabalhar com as mulheres baianas e sua simbologia religiosa na manutenção das práticas judaicas dessas mulheres no período colonial, para além da normatização católica.

¹⁵ ASSIS. Angelo Adriano Faria de. MACABÉIAS DA COLÔNIA: Criptojudaísmo feminino na Bahia - Séculos XVI-XVII. Niterói, 2004

¹⁶ ASSIS (2014, P. 4)

Em outro trabalho, desta vez uma dissertação de mestrado orientada por Leila Mezan e que teve como uma das examinadoras da banca Margareth Rago, a então mestranda Aline Antunes Zanatta¹⁷ focaliza as mulheres da elite, com o objetivo central de verificar, por meio dos processos de divórcios, a relação dessas mulheres com a Justiça Eclesiástica no período entre os anos de 1765 e 1822. Logo de início Zanatta já valida a importância de recorrer à obra de Mary Del Priore quando o assunto é mulher no período colonial. Ela recorda pontos pertinentes da obra de Mary como o processo de normatização pelo qual as mulheres da colônia passaram, a adequação dessas mulheres a este processo como uma fuga, a transmissão de valores entre mães e filhas, e a instituição do divórcio em contraponto ao casamento e conclui baseada na pesquisa efetuada “em que medida a atuação social destas mulheres foi maior do que a historiografia tem apontado, e, conseqüentemente, questiona os estereótipos referentes às mulheres da elite paulista cristalizados nas imagens de devoção e reclusão¹⁸”. Analisar a atuação dessas mulheres com referência na historiografia tradicional, contrapondo-a, e trazer sua pesquisa para o ambiente do divórcio entre a elite paulista, representa os novos caminhos que esta obra toma a partir do que Del Priore coloca a princípio.

A dissertação de mestrado de Marina Basso Lacerda¹⁹ possui a especificidade de pertencer a uma área de atuação diferente da História: o campo do direito, apresentada ao Departamento de Direito da PUC/RJ em 2010 este trabalho atinge um universo que:

“trata das relações entre as diversas formas de exploração da mulher no Brasil colonial e a estruturação do nosso espaço exploração/controlado sexual da mulher, que variou até extremos de sadismo, sendo o uso do elemento feminino uma das técnicas essenciais e inovadoras da formação desta civilização moderna dos trópicos²⁰.”

No esforço de representar essas relações a autora faz uso da obra de Mary Del Priore de forma bem amplificada no seu terceiro capítulo que enquadra as mulheres no Brasil colonial. Lacerda retoma a tese de Mary esmiuçando itens tais como as breves divergências de perspectiva no estudo na mulher no Brasil Colonial,

¹⁷ ZANATTA, Aline Antunes. *Justiça e representações femininas: o divórcio entre a elite paulista (1765-1822)*. Campinas: SP, 2005.

¹⁸ Zanatta (2005, P.4)

¹⁹ LACERDA, Marina Basso. *Colonização dos corpos : ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil*. Rio de Janeiro, 2010.

²⁰ LACERDA (2010, P. 9)

a analogia entre a terra e a mulher: meios de produção e reprodução, o adestramento da mulher dentro de um projeto normatizador, item já visitado por nós na obra de Mary, além de remontar questões como as formas de organização da sexualidade o casamento, prostituição, adultério e divórcio, conduzindo o alargamento da sua discussão para o âmbito do direito.

Por fim, gostaríamos de trazer para esta discussão um exemplo de crítica expressa à obra de Mary Del Priore, exposto em uma resenha elaborada por Deis Siqueira, Lourdes Bandeira e Silvia Yannoulas²¹. As autoras iniciam a retomada da obra abordando seu aspecto mais descritivo e de contextualização, e finalizam tecendo suas críticas às fragilidades apresentadas no trabalho. O processo de adestramento referido por Del Priore omite a relação matrimônio-paternidade, silenciando as fontes relacionadas à paternidade em detrimento da maternidade. Tratando outro aspecto, a misoginia na fala de Del Priore é atribuída às mentalidades das classes mais populares o que é contraditório ao desenrolar do seu texto que prova a misoginia como prática transversal a todos os segmentos sociais:

Deis Siqueira, Lourdes Bandeira e Silvia Yannoulas compreenderem que Del Priore não é porta voz da maioria das mulheres, se restringindo às mulheres da elite. Elas afirmam que Del Priore acaba reforçando um pensamento tradicional que encara as mulheres ainda como sujeito, deixando de detectar muitas vezes seus mecanismos de resistências. Em um plano mais teórico observaram ainda:

“que embora expresse conhecimento exaustivo da literatura francesa, e uma lógica narrativa enunciativa foucaultiana, não cita este autor (Foucault), em sua bibliografia, e ao mesmo tempo, não consegue realizar, à semelhança do mesmo, o estudo processual a construção e da expansão nos diferentes segmentos sociais do projeto que trata de se tornar hegemônico.” (SIQUEIRA, et. al. P. 8)

Todavia, não deixam de reconhecer a importância que Mary Del Priore representou na afirmação e comprovação da existência das fontes sobre o período colonial, o que desembocou num volumoso e organizado trabalho com uma originalidade bastante expressiva.

²¹ SIQUEIRA, Deis. BANDEIRA, Lourdes e YANNOULAS, Silvia. Resenhas Ao Sul do Corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidade no Brasil Colônia. DEL PRIORI, Mary. Brasília, Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio, 1993

5.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer trabalho de pesquisa requer escolhas, recortes, como em uma minuciosa costura onde se distingue cores, textura, ligam-se os pontos de uma vasta malha e a transformam numa peça sutil, de nuances próprias e nova forma, todavia, jamais perde sua essência, será sempre tecido. Trago esta analogia por ter total consciência de que em cada linha deste trabalho eu teria mais “História” pra costurar. A começar pelo recorte da historiografia das mulheres, passando pela Tese aqui aludida, que por si só já é densa, rica e detalhista, até chegar na recepção acadêmica deste trabalho, quando nos deparamos com sete pesquisas as quais fizeram um resgate pertinente desta obra. Mesmo neste universo de escolhas o qual tivemos que impor por questões didáticas, podemos nos deparar com o objetivo geral desta pesquisa, o de atestar a importância da obra “Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia”, de Mary Del Priore para a História das mulheres do Brasil bem como para a produção historiográfica em volta das mulheres do Brasil e no Brasil. Seja em TCC’s, artigos, resenha, dissertações de mestrado, teses de doutorado, permeando os diversos tipos de escrita, até as que não se colocam no campo da História, a exemplo da dissertação da Marina Basso Lacerda, apresentada no mestrado em direito, a obra de Mary Del Priore deixa suas impressões sobre lacunas até então existentes nos estudos femininos na colônia, visitando minuciosamente os arquivos e acompanhando diversos aspectos da vida dessa mulher e nos faz inferir o alargamento das suas discussões iniciais com base nas obras aqui citadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. **O sexo devoto: normatização e resistência feminina no império Português – XVI-XVIII**. Recife: O autor, 2003. Tese. (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco.

ASSIS. Angelo Adriano Faria de. **MACABÉIAS DA COLÔNIA: Criptojudaísmo feminino na Bahia - Séculos XVI-XVII**. Niterói, 2004. Tese. (Doutorado em História). Instituto De Ciências Humanas E Filosofia, Universidade Fluminense.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LACERDA, Marina Basso. **Colonização dos corpos : ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação. (Mestrado em Direito). Programa de Pós-Graduação em Direito, Pontifícia Universidade Católica.

MATOS. Maria Izilda Santos de. "**HISTÓRIA DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas**". in Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

RAGO, Margareth. **As Mulheres Na Historiografia Brasileira**. In SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

SIQUEIRA, Deis. BANDEIRA, Lourdes e YANNOULAS, Silvia. **Resenha Ao Sul do Corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidade no Brasil Colônia**. DEL PRIORI, Mary. Brasília, Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio, 1993.

SILVIA, Tânia Maria Gomes da. **Trajetória Da Historiografia Das Mulheres No Brasil**. In Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

SCOTT, Joan. "História das Mulheres", IN: Burke, Peter (org.), **A Escrita da História - Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

SOHIET, Rachel. PEDRO Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In Revista Brasileira de História, vol 27, n° 54, 2007.

ZANATTA, Aline Antunes. **Justiça e representações femininas: o divórcio entre a elite paulista (1765-1822)**. Campinas: SP, 2005. Dissertação. (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.